

António Cabral \*

## A cantiga e o romance popular no Alto Douro

1. Começo por distinguir a poesia propriamente popular, tradicional ou não, da que tem uma intenção literária. A primeira procede por via oral e é mais simples nos seus processos, embora adopte esquemas e estruturas da poesia de sempre, quantas vezes com uma beleza surpreendente; a segunda, salvo raras excepções, é escrita em livro ou outras publicações, muitas vezes em folhas que aguardam a vinda à luz. Também é conveniente dizer que a poesia popular escolhe formas (externas e internas) e temas vários, predominando nestes o amor e o sentimento religioso, interagindo com frequência o fundo e os processos, chegando a transplantar-se de umas produções para outras. A forma externa é como via de regra a quadra de versos heptassilábicos (redondilha maior) que começou a ter grande fortuna nos cancioneiros espanhóis e portugueses do século XV e princípio do XVI.

2. Só muito recentemente chegou ao meu conhecimento uma quadra, ouvida a gente do povo, que considero de bem rara beleza. Ei-la:

*«Maria, teu lindo nome,  
quem to pôs, quem to poria?  
Baptizou-te a madrugada,  
foi madrinha a cotovia».*

Cá está o ritmo paralelístico, mais evidente no segundo verso, o simbolismo alegórico dos dois últimos, a flexão do verbo "Pôr" na forma "poria" em jeito de enálage, o vocativo inicial a demarcar um campo que a imaginação poética vai abrir e toda a imagem sensorial dum baptizado livre e natural. A moça vai para o campo trabalhar, antes do nascer do sol, cairá ainda um pouco de orvalho, algum chuveiro mesmo, com uma cotovia a aproximar o seu nome, riso de cantos.

Sendo popular, levanta-se o problema da autoria individual ou colectiva. É neste caso inquestionavelmente individual, pois a adoração amorosa espreita, mas basta pensar num descante a acompanhar o trabalho ou mesmo numa desgarrada, para vermos que o individual se dilata aos outros. Dizer que o povo não cria, apenas reproduz a arte das classes mais elevadas, é quanto a mim um erro grosseiro – convém acrescentar.

3. Irei agora mostrar a relação entre alguma poesia lírica e narrativa (romance), sem me preocupar aqui (até por falta de tempo) com análise mais detalhada que obrigaria a uma incursão histórica. Quero evidenciar um romance de amor infeliz (inicialmente fui tentado por uma oração/xácara sobre S. Bartolomeu) que se cantava na minha aldeia, há uns bons sessenta anos. O amor mal sucedido ou desgraçado (a tragédia) perpassa também na cantiga de matriz lírica. Vejamos:

*Rosa branca, rosa branca,  
rosa branca verdadeira,  
eu hei-de casar contigo,  
antes que o teu pai não queira.*

*Atirei com bolas d' ouro  
à janela do morgado:  
acertei na morgadinha  
- ai Jesus, estou desgraçado!*

*Mandei ler a minha sina  
e a sina me respondeu:  
um triste fugir não pode  
à sorte que Deus lhe deu.*

*Coração tão vário e louco,  
onde vais, que vais perdido?  
Não sejas tão elevado  
onde não és pretendido.*

*Muitas voltas dá o rio  
ao redor do amieiro.  
Inda mais dá o amor,  
sendo leal, verdadeiro<sup>1</sup>.*

<sup>1</sup> Estas cinco quadras figuram no *Cancioneiro Popular Duriense*, do autor, Centro Cultural Regional de Vila Real e Direcção-Geral da Divulgação, Lisboa, 1983.

Prestemos atenção especial à segunda quadrinha que é muito sugestiva e condensa, embora na primeira pessoa, todo um romance tradicional. Imagine-se um jovem plebeu a dirigir galanteios ou olhares demorados à filha ou herdeira dum morgado, senhor de muitos haveres. Esses galanteios ou olhares acertaram em cheio como bolas que se dirigem a um alvo – no caso “bolas d’ ouro”, interessante símbolo metafórico da mensagem amorosa. Se acertaram, presume-se que foram correspondidos segundo o seu desejo e aqui começa o sentido da desgraça, porque ele e ela têm estatutos sociais diferentes, seja ela fidalga ou não. Recorde-se que, mesmo depois da abolição dos vínculos pela lei liberal do Duque de Loulé (1863), os morgados continuaram como pacto familiar, sobretudo nas zonas rurais, para além de haver a tendência a chamar morgado ao filho mais velho. Numa palavra, rapaz de origem modesta não devia, segundo o entendimento geral, erguer os olhos para uma rapariga afortunada, devido às consequências que, na referida copla, são temidas, mais explícitas ainda na copla seguinte da mesma cantiga e que é assim:

*Ai Jesus, 'stou desgraçado!*  
*Ai Jesus, vou prà cadeia!*  
*Acertei na morgadinha*  
*que estava fazer na meia.*

Se as morgadinhas tinham um estatuto social elevado, as filhas dos grandes proprietários rurais gozavam no Douro de idêntico privilégio. A esses proprietários, donos de fartas vinhas ou quintas, dava-se por vezes o nome de fazendeiros, embora a designação fosse e é mais usada no Brasil donde aliás vinha grosso dinheiro que permitia a compra de grandes fazendas ou quintas como ainda se vê pelos não poucos solares “brasileiros” das encostas durienses. Ora o romance popular que aqui vou transcrever e cujo conteúdo parece uma versão mais trágica da cantiga das “bolas d’ ouro”, fala precisamente da desdita da filha dum fazendeiro. Trata-se de facto dum poema narrativo, cantar de cegos que eu cheguei a ouvir numa que noutra feira e romaria. Agora os cantares de cegos ouvem-se menos, pois não têm lugar em supermercados e feiras com altifalantes ensurdecedores. E isso faz-me alguma pena, pois esses herdeiros dos jograis medievos, de viola em punho e neto a pedir esmola, atraíam rodas de gente que depois ia cantar nas suas terras as pungentes histórias que ouvia e que, como as velhas tragédias dramáticas, tinham sempre o efeito duma catarse (purificação, morigeração). Uma nota para esclarecer que no texto que vai seguir-se as estrofes segunda, terceira, quinta, sexta e sétima foram reconstituídas a partir de palavras e segmentos isolados, com a esperança de lhes manter a tonalidade patémica e o sentido. “Era assim, era mais ou menos assim” – diz-me ainda hoje a minha irmã (69 anos) que vive em Castedo do Douro. A reconstrução das estrofes deve-se à necessidade

de, preenchendo lacunas da memória, apresentar uma história adequada a um espectáculo teatral do grupo Trupe da Vila, encenado em Vila Real (1998) por Roberto Merino.

As reconstituições desagradavam a Leite de Vasconcelos, enamorado que andava da pureza das composições antigas transmitidas oralmente. Mas a verdade é que a minha reconstituição é parcial e claramente indicada. Além disso, tendo em conta outro romance (xácara) desta comunicação é preciso dizer que a tradição medieval sofre logo no século XVII, sobretudo na poesia barroca espanhola (escrita), a influência da égloga clássica e no século XX poetas portugueses escreveriam a seu modo romances cujo sistema formal é tributário das maviosas e insinuantes narrativas da Idade Média, o mesmo acontecendo num dos melhores livros de Garcia Lorca, o *Romancero Gitano*. Belo, muito belo, é o *Romance de la Guardia Civil Española*. Saliente-se todavia que distinguir a poesia popular propriamente dita da literária é uma necessidade, reconhecendo entretanto que as fronteiras são móveis, como acontece entre o jogo popular e o desporto – o primeiro tem dado origem ao segundo e vice-versa, caso este, por exemplo, do Jogo da Bola, Bilros em Trás-os-Montes e Douro, que pelo século XVIII os nobres abandonaram. Também algumas sequências das canções de gesta dos séculos XII e XIII foram dando origem aos romances (rimances, romanzas, segadas) populares.

Ainda outra nota para dizer que em «A Filha do Fazendeiro» o pai se comporta precisamente ao contrário do rei Gerinaldo de um romance tradicional, pois, tendo este encontrado a filha (aliás única) a dormir com um criado, resolve casá-los, em vez de se vingar (Ver J. Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Português*, Coimbra, 1958, vol. I, pp. 312, 313).

#### 4. A FILHA DO FAZENDEIRO

*«A filha do fazendeiro  
foi sempre a moça mais linda.  
Namorava um serralheiro,  
tinha-lhe amor verdadeiro,  
um amor que nunca finda.*

*Ela chamava-se Rosa  
e tinha um bom coração.  
Tão bela como uma rosa,  
sentia-se bem ditosa  
dentro da sua paixão.*

*Mas a rosa tem espinhos,  
como veio a acontecer:  
entre os dois feroz destino  
cometeu um desatino  
que a fazia sofrer.*

*O pai da Rosa não qu'ria  
que ela amasse um operário:  
teve nele uma mania  
de a meter na burguesia,  
casando-a c' um milionário.*

*Era um homem já de idade  
que tinha casas e jóias.  
Que tinha uma grande herdade,  
moradias na cidade,  
automóveis e tipóias.*

*Mas a Rosa não queria  
o dinheiro para nada.  
O seu coração batia,  
dia e noite, noite e dia,  
pelo rapaz que ela amava.*

*O pai dava-lhe vestidos  
para lhe mudar o norte.  
Ela só tinha gemidos  
bem fundos e bem sentidos  
– Oh meu Deus, que infeliz sorte!*

*Perante tão grande dor,  
numa arma o pai pegava:  
acabou com tanto amor,  
matando o trabalhador  
que a Rosa tanto adorava.*

*Ao ver morto o namorado,  
grande dor a Rosa tem.  
Com o peito esfacelado  
sobre o caixão do amado  
a Rosa morreu também.*

*E o pai da Rosa morreu,  
cheio de remorso e dor.  
Um conselho aos filhos deu:  
– Nunca façam como eu.  
Quem vence sempre é o amor».*

## 5. ADEUS, Ó ANA MARIA

Das vinte e cinco quadras que Augusto C. Pires de Lima incluiu no seu *Cancioneiro Popular de Vila Real* <sup>2</sup>, a começarem por “adeus” segundo a ordem alfabética de toda a recolha, a primeira abre com o verso «Adeus, adeus, ó Castedo» e inicia um romance popular do século XIX a que o etnógrafo não se refere. Trata-se de uma história que percorreu toda a região transmontano-duriense e em que se pressente um drama de amor. Ao contrário do que sucede em «A Filha do Fazendeiro», a vítima mortal foi aqui o pai tirano.

*«Adeus, adeus, ó Castedo,  
Adeus, tanque de água fria,  
Onde eu me ia banhar<sup>3</sup>  
A toda a hora do dia.*

*Adeus, adeus, ó Castedo,  
Cada casa tem seu baixo.  
Vinte e cinco testemunhas  
Contra mim juraram falso.*

*Adeus, jurados de Murça,  
testemunhas do Castedo.  
Agora vou degredado,  
Vou cumprir o que não devo.*

<sup>2</sup> LIMA, Augusto C. Pires de – *Cancioneiro Popular de Vila Real*. Porto: Maranus, 1928.

<sup>3</sup> Outra versão ouvida pelo autor desta comunicação: «Onde as moças vão lavar».

*Adeus, adeus ó Castedo.  
No meio tem um calhau<sup>4</sup>.  
Dizeis que eu matei meu pai  
Com bolos de bacalhau.*

*Com bolos de bacalhau,  
Com comida envenenada.  
Mas eu não lhe dei tais bolos.  
Quem lhos deu foi a criada».*

Ora foi exactamente a propósito duma quadra recolhida por A. C. P. de Lima que o escritor A. M. Pires Cabral me conjurou, numa das suas graciosas crónicas no jornal *Repórter do Marão*, a pôr a Ana Maria «em pé de igualdade poética com a sereia Lorelei» (do Reno, Alemanha). Se não consegui, pelo menos tentei. Eis o rimance:

*«Adeus, ó Peso da Régua,  
Ribeirinha de Jogueiros,  
Adeus, ó Ana Maria,  
Perdição dos marinheiros».*

1

*Era uma vez uma história  
que andava de mão em mão  
e as pessoas que a sentiam  
abriam-lhe o coração.*

*Apenas a pressentiam,  
prestavam logo atenção,  
que a história se ouvia, ouvia,  
e não perdia o clarão.*

*Falava a história por ela  
no seu cumprimento exacto.  
Punha pratas, punha cismas,  
punha ali mesmo o passado.*

*Quem era a Ana Maria  
de seu nome tão bordado  
em segredo que floria  
e tanto feria, tanto?*

2

*Casinha junto da escarpa  
onde terminava a vinha,  
casinha de pedra tosca  
onde o luar se continha.*

*Assomavam os rabelos,  
logo uma luz se acendia.  
Quanto mais se aproximavam  
muito mais a luz luzia.*

*Não era a luz que nos cobre,  
logo que nos rompe o dia.  
Era uma luz que cantava  
e, mal brilhava, se ouvia.*

*Tinha olhos, tinha voz  
e corpo de malvasia.  
Divagava o marinheiro  
e em seu desejo crescia.*

3

*Hei-de ir à Régua de barco,  
quando forem as vindimas.  
A Régua tem casas brancas  
na fala das raparigas.*

<sup>4</sup> Rampa fragosa, hoje arruada, com o nome de Fraga. Outra versão: «'Stás assente num calhau./ Dizem que eu...»

Também já tive nos olhos  
vinhas, vinhas, vinhas, vinhas.  
Fui vindimar as dos outros  
e deixei ficar as minhas.

A vida é um sonho partido.  
Perdi a outra metade.  
Dava o sol e mais a lua  
a quem ma fosse buscar.

Divagava o marinheiro,  
como o barco, devagar.  
É no cachão mais ruim  
que o rio toca guitarra.

4  
Não tenho mulher nem filhos  
nem um lenço a acenar.  
Hei-de ir à Régua de barco  
na torrente de cristal.

Cidade, minha cidade,  
com ruas e casas de água,  
onde ela for mais espelho,  
aí me quero mirar.

Dizem que em Jogueiros passa  
uma verde ribeirinha.  
Quem a vê tem de subir,  
de subir por ela acima.

Garça que lhe habita a margem  
deve ser de ouro e marfim:  
riso de moura encantada  
que ficasse por ali...

5  
Barco rabelo na Régua  
não passava sem parar,  
como se um íman de fogo  
o estivesse a chamar.

O rio logo avisava,  
não parava de avisar.  
Era a água em remoinho  
o seu modo de falar.

Mas quem ia convencer  
os homens a regressar?  
Subiam com passos novos,  
subiam com o luar.

Quando voltavam ao barco  
nunca sabiam contar  
o que tinha acontecido  
nessa noite de queimar.

6  
Uns tinham os olhos fundos  
como as grutas do alto mar,  
outros traziam no gesto  
a mesma estrela polar.

Perdidos o sangue e a alma,  
viam-se ali a boiar.  
Boiavam no grande rio,  
círculos de prata e âmbar.

Sereia seria ela  
que escolhesse este lugar,  
ao fugir dos oceanos,  
de algum encontro mortal.

Que mistério a acompanhava  
nos ermos do seu estar  
que descrevê-la ninguém  
sabia depois de a amar?

7  
Um dia o arrais dum barco,  
que tinha mulher bem linda,  
resolveu galgar a escarpa  
com intenção escondida.

A sua mulher chamava-se  
igualmente Ana Maria.  
Ninguém soube ou saberá  
aquilo que ele queria.

Vede-o chegar ao tugúrio  
onde logo se sumia.  
Ouvi o grande silêncio  
que na noite se escrevia.

Esperaram toda a noite  
marinheiros de vigia.  
Outros bateram a escarpa:  
o arrais não aparecia.

8

Até que entraram na casa  
onde um borralhinho havia.  
Cinza vivia, cinza morta,  
linguagem tão esquiva.

Onde está o nosso arrais?  
Onde está Ana Maria?  
Quem perguntava escutava  
a pergunta que fazia.

De manhã, um almocreve  
chegou à escarpa sombria  
– A mulher tem sortilégios  
desconhecidos – dizia.

Um dizer que era de lume  
naqueles homens do rio,  
que quanto mais lume estava  
mais eles arrefeciam.

9

Adeus, ó Peso da Régua,  
adeus, ó Ana Maria.  
Cem pipas que o barco leve  
todas elas vão vazias.

Vazias dos teus encantos  
e cheias duma ilusão.  
Ai de quem perde o que ganha,  
se ganhou a perdição!

Por muito tempo pousou,  
à entrada da ribeirinha,  
uma garça que voava,  
mal um rabelo se via.

Eis uma história, senhores,  
que andava de mão em mão.  
As pessoas que a sentiam  
abriam-lhe o coração.



## ANEXO 1

## Atirei com bolas d'ouro (Castedo)

A - ti - rei com bo - las d'ou - ro à ja - ne - la do mor - ga - dō.  
 A - cer - tei na mor - ga - di - nha. Ai Jesus, 'stou des - gra - ça - do!

## Morgadinha (Barqueiros)

A - ti - rei com bo - las d'oi - re  
 à ja - ne - la da Mor - ga - da A - cer - tei na Mor - ga -  
 - di - nha. A - ge - ra vou "de - gra - dade".

## ANEXO 2

## Cantares de Cegos



A fa - mí - lia des - ta ca - sa é u - ma

fa - mí - lia de bem. Ve - nha - - nos dar a es - mo - li - nha,

por al - ma de quem lá tem.

2

A fi - lha do fa - zen - dei - ro foi sem -

pre a moça mais lin - da. Nam - ra - va um serralheiro,

tinha - lhe a mor verda - deiro, um a - mor que nunca fin - da.

Nam - ra - va um serra - lhei - ro, tinha - lhe a - mor verda - dei - ro,

um a - mor que nun - ca fin - da.